

PADRE BENTO, APÓSTOLO E MÁRTIR DA CARIDADE

Roberto Machado Carvalho

(da Academia Paulistana da História.)

Em Itu, a tradicional cidade paulista, existe uma Vila que leva o nome de um sacerdote: Padre Bento. Nas proximidades do velho burgo, à beira do lendário rio Tietê, nasceu o autor de uma das maiores proezas, em termos de caridade, registrada na história da humanidade: Padre Bento Dias Pacheco, conhecido e venerado por milhares de pessoas. Filho de Ignácio Dias Ferraz e Ana Antonia de Camargo, sua vida terrena, balizada entre as datas de 17 de setembro de 1819 e 6 de março de 1911, está repleta de lances tão notáveis e emocionantes que nos leva até a pensar se, realmente existiu um ente humano dessa grandeza, na face do mundo.

Os Dias Pacheco descendem de antigos troncos paulistas, os Ferraz de Arruda, os Souza Menezes, os Campos Bicudo, os Paes Leme, os Pires, os Camargos. Os pais de Padre Bento eram herdeiros de extensas terras que pertenciam à então vila de Itu e freguesia de Indaiatuba. O pequeno Bento aprendeu as primeiras letras com sua mãe, crescendo num lar eminentemente cristão. Recebeu esplêndida formação moral e religiosa. Assim, desde tenra idade, manifestou nele a vocação sacerdotal. Muito jovem, ingressou no antigo Convento dos Franciscanos, em Itu. Aprendeu as lições da Sagrada Escritura, especialmente as relacionadas com a maior das virtudes: a Caridade. Naquele cenóbio, inspirado em São Francisco de Assis, acompanhava, com grande admiração, a prática dos ensinamentos evangélicos, os exemplos de piedade, de humildade, de ternura e de caridade. Preparou-se então para abraçar o sacerdócio.

Aos 15 anos perde o pai. Bento deixa o Convento e vai para o sítio do Quilombo, nas proximidades de Indaiatuba, fazer companhia à sua mãe. Sua passagem, porém, é curta. Decide seguir para a capital da então Província de São Paulo. Assiste às Aulas de Teologia, ministradas na Sé Paulopolitana. Estudioso, disciplinado, simples no trato e sempre pronto a acudir os colegas desabonados e os pobres que perambulavam pelas estreitas ruas da velha São Paulo. Divide, com eles, a mesada que recebia de sua mãe. Separava o mínimo, apenas o suficiente para seu sustento.

O mês de outubro de 1843, raiou glorioso para Bento Dias Pacheco. Ordenava-se padre. A Igreja ganhava uma alma de eleição. Ao retornar à sua querida Itu, o neo-sacerdote celebra a primeira missa. Estava pronto para exercer o ministério clerical. Recebe logo a primeira nomea-

ção: vigário de Indaiatuba. Encontra, na localidade, um ambiente que contrariava seus desígnios. Fervilhava a política-partidária. Facções políticas — liberais e conservadores — desejavam atraí-lo para suas hostes. Não era aquilo que o Padre, recém-chegado, queria. Seu ideal era outro, bem diferente. Retorna a Itu. A vizinha localidade de Cabreúva reclama sua presença. Dirige-se para lá, onde permanece pouco tempo. As tarefas de uma paróquia estavam longe de atender sua verdadeira vocação: com um infinito amor, mitigar os sofrimentos alheios. Com seus parcos apetrechos, regressa ao sítio do Quilombo, onde, durante vinte anos, prepara-se para o grande lance de sua vida.

Desde pequeno, ouvia falar e, muitas vezes, presenciara o abandono de pobres criaturas, corroídas por uma das mais terríveis e temidas doenças da época — a lepra. De início, sentiu aversão, medo, chegando a fugir da aproximação do morfético. Uma luz, porém, resplandece em seu cérebro e coração. Era um chamado de Deus. Pedia o Altíssimo que atendesse as palavras do Apóstolo Paulo: “vai, vende tudo o que tens, reparte-os aos pobres e terás um tesouro no céu”. Desde há muito, era um pai para os escravos que viviam no sítio. Chegava o momento, porém, de conquistar a cátedra da caridade. Defende a tese do desprezo aos bens terrenos para obter os bens celestiais. A partir de então, sacrifica os recursos materiais para ganhar os recursos do amor e da caridade. Nada mais quer do mundo, exceto viver em humildade, como o mais oculto dos homens. Liberta os escravos e vende todos os seus bens. Uma decisão de que só as almas escolhidas são capazes. Com sua veneranda mãe, toma a estrada do martírio que levava ao leprosário de Itu. Do pouco que resta, adquire uma pequena casa e quintal, bem defronte ao Hospital dos Lázaros. Corria o ano de 1869. Lá, durante 42 anos, desenrola o imortal drama de sua vida. É tudo para os doentes. Recebe-os em sua modesta casa, em sua mesa oferece refeições aos enfermos, assiste-os no Hospital tratando das chagas, procura-os nas estradas próximas, carregando-os, nos braços, até o leito. Depositava seu trabalho nas mãos de Deus, porque reconhecia que foram seus desígnios que o conduziram ali: “Foi Deus que aqui me trouxe, é ele que me dá força e coragem para cuidar dos meus pobres doentes”.

O Seráfico de Assis falava aos pássaros, Padre Bento aos doentes. Um milagre ocorreu em sua própria vida. Apesar do mais íntimo contacto diário com os chaguentos, não adquiriu a doença. Em sua auréola, entretanto, está consagrada a expressão: Padre Bento, mártir da caridade.

É muito grande o número de peregrinos que procuram seu túmulo em Itu, para orar e pedir graças. A cidade, comemora, todos os anos, no mês de setembro, a passagem do natalício de Padre Bento. Pessoas

que o conheceram, outras que ouviram contar fatos, outras ainda que leram sobre sua vida, são unânimes em reconhecer suas virtudes. A maior delas, a caridade — “ainda que distribuísse toda a minha fortuna para o sustento dos pobres... e não tivesse caridade nada me aproveitaria” — Padre Bento, praticou em grau heróico. Milhares de brasileiros querem venerá-lo no altar. Está em marcha um movimento popular para sua beatificação e canonização. Depoimentos, contando graças alcançadas por intercessão de Padre Bento junto ao Senhor, estão registradas e catalogadas. Sua vida, obra e virtudes passarão pelo crivo das rigorosas exigências canônicas. Admite-se que, com as novas instruções da Santa Sé — Constituição Apostólica sobre as Normas de processo nas Causas dos Santos — sancionadas pelo Papa João Paulo II em 25 de janeiro de 1983, será simplificado o caminho que conduzirá o apóstolo e mártir da caridade, ao altar santificado.

Julho de 1983

*